

Transportadoras tentam reajustar frete

Miriam Karam e Gustavo Faleiros
De Curitiba e São Paulo

O valor dos fretes deve subir cerca de 15% nos próximos dias como reflexo do reajuste no óleo diesel. A Associação Nacional do Transporte de Cargas (NTC) fechou ontem o cálculo, e segundo o presidente da entidade, Geraldo Vianna, o repasse será "inevitável" pois, em média, as empresas transportadoras acumulam as altas de custos há 9 meses.

De acordo com os números da NTC, desde março, o diesel aumentou 53,2%, a mão de obra, 8,3% e o preço dos caminhões 20,5%. Mas Vianna afirma que o recente aumento do diesel foi o "gatilho" para repasse dos outros custos. "É um momento particularmente grave".

A certeza de um aumento no frete na faixa entre 15% e 20% foi externada pelo presidente da Federação Nacional dos Transportadores Rodoviários Autônomos de Bens, Diumar Cunha Bueno.

Segundo ele, não há como não repassar ao preço do frete um reajuste "tão alto" no combustível,

pois o diesel corresponde a 25% dos custos na planilha do frete. Além disso, afirma, o setor já trabalhava com uma defasagem de cerca de 20% nos seus custos. "O país tem de olhar com outros olhos para o diesel, pois trata-se de matéria-prima para o transporte", argumenta Bueno, citando que 70% de tudo que é produzido no país é transportado por caminhões.

A consequência, em sua opinião, é líquida e certa: "A inflação vai explodir". Bueno afirma que o frete só não aumentou ainda porque a negociação entre o transportador, o embarcador e o comprador leva um certo tempo. "Mas não tem condições de não repassar".

A dificuldade de reajustar tem diminuído a oferta de caminhões para o transporte de carga. Segundo informações do Sindicato dos Caminhoneiros Autônomos do Estado de São Paulo (Sindicam), há veículos que não estão trabalhando nas rotas de transporte de eletroeletrônicos da Zona Franca de Manaus para São Paulo. O presidente do Sindicam, Nourival de Almeida, diz

que foi informado por uma empresa que, dos 200 caminhões da frota, 30 estavam parados. "É melhor esperar do que continuar pagando para trabalhar", diz ele.

Outras rotas que operam com menos caminhões, segundo Almeida, são as que transportam combustíveis das distribuidoras da Petrobras no Estado São Paulo.

De acordo com o coordenador do Sifreca — sistema de acompanhamento de preços de fretes agrícolas da Universidade de São Paulo —, José Vicente Caixeta, os segmentos que podem sofrer maior pressão por aumento devem ser o de transporte de adubos e fertilizantes e de açúcar.

No primeiro caso, a entressafra de grãos faz com que se iniciem as preparações para o plantio, e o transporte de carga faz o caminho inverso, dos portos para as áreas agrícolas. Almeida, do Sindicam, afirma que os caminhoneiros ainda não reajustaram o preço do frete de adubos e fertilizantes porque estariam aceitando as propostas baixas como forma de não "perderem" a viagem de volta.